TECNOLOGIA, DISPOSITIVO e POLITICA
O modus operandi na sociedade do século XXI a partir dos dispositivos eletrônicos

Sonia Guggisberg
Doutoranda em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP

Resumo

A sociedade atual não depende mais da presença física e do deslocamento das pessoas para alcançar diferentes distâncias no globo, depende da amplitude do aparato tecnológico usado em rede. Permanece conectada de forma massificada, ficando sujeita ao controle nos aspectos político, econômico, social e cultural.

A velocidade tecnológica, impulsionada pelos novos dispositivos eletrônicos, atua como *modus operandi* na sociedade do século XXI ao mesmo tempo que se apresenta como uma imposição violenta e invisível ao modo de vida até então estabelecido. A estrutural social, nestas novas bases, solicita cada vez mais rapidez e, a sociedade, por sua vez, acelera compulsivamente seu estilo de vida tentando moldar-se a este novo modo de existir, de ser e pensar. Cabe, neste artigo, refletir sobre mudança paradigmática que a entrada da tecnologia trouxe á contemporaneidade.

Palavras-chave: Tecnologia. Dispositivos. Política. Tempo.

O século XX, foi marcado pela aguda transformação do modelo de organização social devido, principalmente, ao grande desenvolvimento dos objetos tecnológicos de comunicação. Impulsionados pela indústria da guerra, grande parte do conhecimento tecnológico foi desenvolvido em função da busca do poder e do controle das massas. Além do rádio, do cinema e da televisão, os computadores domésticos entraram no

mercado nos anos 1980 e, nos anos 1990, os aparelhos celulares e a popularização das conexões em rede tomaram conta do cenário contemporâneo.

Com o surgimento dos novos aparatos eletrônicos, o culto á imagem foi estimulado e impulsionado enormemente. A linguagem visual passou a ser transmitida em grande escala para a sociedade e pulverizada, alcançando á todos. Passou a ser produzidas, não só para o cinema e para a TV, mas também para a internet, celulares e tablets, se expandindo para os diferentes formatos e se adaptando aos novos dispositivos. Embora, com a expansão das pequenas telas, o cinema tenha se retraído em número de salas de exibição, a produção de imagem "cresceu em sua essência" (Lipovetsky, 2010), infiltrando-se em todas as áreas de forma globalizada. A expansão das telas multiplicou a existência da imagem, configurando um hábito que se espalhou por toda parte, entre ambientes e pessoas.
Segundo Lipovetsky (2010) é importante destacar que a produção imaterial e estética, através da imagem em movimento não deixou de emergir, cresceu e abriu novas fronteiras. O culto pelo visual e pelo espetacular, conforme suas palavras, "o espirito do cinema é o que atravessa, irriga e alimenta as outras telas" (2010:23), é como se o cinema fosse a matriz deste sistema.

Esta afirmação deve-se ao significativo número de "telas espalhadas por todas as grandes cidades do mundo, perpassando à cultura, construindo uma determinada estética, apoiando ou criticando a política, em fim, estabelecendo novos padrões de conduta à sociedade como um todo." Desta forma, "o espírito do cinema acompanha a globalização dentro da sociedade invadida pelas telas." (Lipovetsky, 2010)

Torna-se importante abordar a expansão do uso da imagem em seu contexto pois esta, como "matriz deste sistema", impulsionou a produção na direção dos novos dispositivos eletrônicos, construiu hábitos sociais, reconfigurando modelos e pensamentos. Uma das mudanças mais significativas e visíveis é a questão do deslocamento físico. Já não existe a necessidade de deslocamento para uma sociedade conectada na rede pois esta pode transitar por todos os lugares do globo sem sair do lugar. A produção aumentou, passou a alcançar individualmente as pessoas em seus computadores e dispositivos pessoais e, a crescente "fábrica de imagens" espalhada pelo mundo, passou a determinar, sem muito se preocupar com o resultado, mudanças éticas e estéticas, históricas e sociais remodelando a sociedade.

"A técnica deu lugar á hipertecnologia eletrônica e informática. A miniaturização das câmaras, o aparecimento das gruas ...vindo mudar o próprio ato de filmar." (Lipovetsky, 2010:48). Estas mudanças, que buscavam explorar novas vias de

representação e criação, implicaram na mudança da "estética de contemplação em benefício da uma cultura centrada na sensação, simultaneidade, imediatismo e impacto." (2010:43).

A internet, o *maior fenômeno midiático do século 20', o único meio de comunicação que em apenas 4 anos conseguiria atingir cerca de 50 milhões de pessoas (Wikipédia, 2012)* trouxe o mundo para dentro de nossas casas, abriu um universo de possibilidades no trabalho e na vida pessoal de cada indivíduo conectado na rede. Mudou nossa vida cotidiana, mudando também a relação consigo mesmo e com o mundo. Desta forma *A Internet é, acima de tudo, uma criação cultural*. (Manuel Castells, 2003).

A entrada da tecnologia e de seus dispositivos, na vida das pessoas, configurou uma realidade sem retorno obrigando a sociedade á incorporar um novo estilo de vida. Torna-se importante compreender que estilo é este, e quais são as mudanças que ocorreram. Inicialmente a sociedade, aderiu rápida e integralmente ás facilidades oferecidas pelos dispositivos eletrônicos, á todo universo de informações que se abriu e, em seguida, passou a agir, em grande parte, sob as diretrizes tecnológicas e sob o tráfego de informações disponibilizado. Este tráfego cresceu diariamente em todas as áreas incluindo as ciências, as artes, o comércio, o entretenimento, a pesquisa em geral, se tornando um local de compartilhamento em fluxo continuo, um local de troca de informações em rede mundial.
Para incorporar esta amplidão da troca de informações e seu fluxo continuo foi preciso literalmente, dilatar o limite humano para alcançar o tempo e a velocidade da tecnologia. Foi preciso acelerar o modo de vida e assim, fazer muito mais coisas, trabalhar muito mais em menor tempo, caminhar mais rápido, terminar rapidamente o que está fazendo para fazer mais e, assim tentar alcançar o ritmo das mudanças. A regra hoje é a velocidade e esta passou a determinar a forma de ser, agir e de pensar da sociedade contemporânea conectada nos dispositivos tecnológicos.

A população, hoje, sempre conectada e recebendo conteúdos selecionados em todas as áreas de interesse, passou á apresentar uma "sincronização das consciências", um nivelamento de hábitos, de opiniões politicas, de consumo de objetos e até de desejos. Esta massificação de informação configurou a fabricação de uma "moral social achatada" reduzindo a individualidade e as diferenças das pessoas dentro do grupo social que frequenta.

Desde o inicio da expansão tecnológica e pela facilidade de alcançar grandes massas[1], estes dispositivos passaram a ser também de uso político. Torna-se importante questionar quem produz o conhecimento que está sendo oferecido, quando, qual o objetivo e para quem se destina. É preciso refletir sobre as mudanças na estrutura social enfocando dois lados. Se por um lado, temos o sistema sociocultural e político que se apropria do poder, massificando informações, moldando a sociedade e gerando uma rede de influencia para "dar as cartas", por outro, geramos uma população cuja consciência está cada vez mais sincronizada, domesticada, e cada vez mais apática em relação aos acontecimentos menos visíveis.

Infelizmente a política sociocultural, associada ao grande avanço tecnológico reforçou e endossou a estrutura de poder capitalista, colocando a produção do lucro e a acumulação de bens de valor como princípios organizadores do século XXI. O capitalismo, passou a ser mais que um regime cultural e que um modo de produção. Ele transformou a vida da sociedade numa corrida desenfreada pelo "sucesso", pelo acúmulo de riquezas e pelo poder. Pode-se dizer que as informações dirigidas pelo poder do capitalismo, pulverizadas pelos dispositivos tecnológicos e, impulsionadas em todas as direções, aceleraram o ritmo de vida humana, de forma que a sociedade não encontra mais tempo para digerir a rapidez das mudanças. O tempo que conta é o tempo real, ou seja, o tempo da execução imediata e compulsiva, da comunicação por internet, o tempo da tecnologia.

A velocidade tecnológica, longe da velocidade da natureza humana, se "materializada no próprio aparato produtivo, em sua dinâmica interna, em sua lógica operacional, em suas necessidades de reprodução infinita" (TRIVINHO, 2007: 91), adentra a vida humana, de forma violenta, modificando a lógica sociocultural que regia até então. (TRIVINHO, 2007),

A sociedade aderiu á esta nova velocidade de vida, estendendo o limite humano, para alcançar o tempo tecnológico. O lema é caminhar rápido, terminar logo, fazer mais. A velocidade, sendo um fenômeno invisível, não se apresenta como uma violência dentro do universo do tempo presente, não é um acontecimento, um fato real passível de ser documentado, é uma violência diária e contínua, imposta pelo ritmo acelerado de produção, modificando a lógica de organização da vida cotidiana e da cidade. A velocidade passou a ser um processo cultural que se auto-impulsiona,

[1] Segundo dados publicados pelo Ibope NetRatings no Brasil existem 79,9 milhões de usuários de internet e no mundo, o número deve chegar á 2 bilhões em 2012.

envolve toda a civilização contemporânea, movendo tudo e todos, "ela é o que faz agir, o que faz fazer, o que faz pensar" (BAUMAN, 2001: 95).

O desenvolvimento tecnológico trouxe enormes avanços e melhorias para a sociedade contemporânea mas também trouxe consequências: se tornou um divisor de águas. A dinâmica em que o ser humano constrói o meio, e o meio constrói o homem é uma via de mão dupla, cuja prática trouxe ganhos e perdas para a sociedade como um todo. A mídia, com toda força de mostrar e esconder, de selecionar, de aumentar ou diminuir o poder dos acontecimentos, se expandiu pelos dispositivos e passou a ser um grande mecanismo de poder em espaço invisível, provavelmente o maior. Construiu a lógica civilizatória atual, empurrada pela disputa a qualquer custo, envolveu a sociedade em um processo que a fez ver o mundo como o universo midiático quer que seja visto.

Segundo Baudrillar, "Nietzche estava certo quando disse que a raça humana, deixada entregue a seus próprios projetos, é capaz de redobrar seus esforços, de redobrar a si mesma - ou se destruir." (2001:27)

O processo de virtualização dos meios de comunicação através do dispositivos criou mais que a extensão do corpo, criou a extensão no espaço, se transformando também numa ferramenta de ação. Pode-se dizer que as bases da coexistência humana na sociedade contemporânea, foram remodeladas em um caminho sem volta. Hoje, o estabelecimento midiático da cultura de massas, o meio comunitário e comunicativo pelo qual a sociedade se forma, se informa e trabalha, gerou uma nova lógica de organização e se tornou também um mecanismo de modelagem humana.

Sobre a revolução tecnológica, as mudanças e as novas bases de coexistência humana hoje, cabe incluir neste debate as colocações do sociólogo mexicano Pablo Gonzalez Casanova onde ele coloca que os trabalhadores intelectuais, envolvidos pela evolução da ciência, da tecnologia e do conhecimento, tornaram-se grandes empresários estrategistas do poder. E diz que esta nova forma de vida, pautada nos meios de comunicação através da rede e de dispositivos, permitiu uma forma consensual, praticamente invisível, de domesticação e educação humana. Segundo Casanova:

"o sistema de poder capitalista, repleto de estruturas articuladas no mundo contemporâneo, foi incrementado pelas máquinas de comunicação, de controle, de informação, interagindo diretamente com o comportamento humano e vinculando, de forma até então definitiva, o destino do homem e das máquinas tecnológicas" (2004).

Uma das consequências foi o crescimento do controle invisível, o direcionamento das

massas e o consequente enfraquecimento do poder político da sociedade como grupo. Se uma sociedade é formada por indivíduos que buscam compreender o que se passa no mundo, em seu país e em sua cidade, somente através dos meios de comunicação em massa, de fato eles ficam moldados, nivelados pelas informações distribuídas pelos dispositivos. "São massas que não se reúnem mais, efetivamente tendem com o tempo a perder a consciência de sua potencia política." (Sloterdijk, 2000:22)
Cabe compreender que, uma vez que a sociedade, como grupo, perdeu sua força, a vida individualizada ganhou espaço. A cada dia que passa, um maior número de pessoas estão fechadas em suas casas, seus escritórios atrás seus computadores trabalhando e se comunicando com o mundo, fazem grande parte de seu dia e de sua vida, através da rede.

Segundo Jean Baudrillard (2001) a sociedade contemporânea conduzida se torna cada vez mais condescendente e inerte, em termos de grupo. "Estamos trabalhando na desinformação da nossa espécie por meio da nulificação das diferenças." E coloca que "por meio do sistema escolar, da mídia, da cultura e da informação de massa, seres singulares tornam-se cópias idênticas uns dos outros. É este tipo de clonagem-clonagem social, a reprodução industrial de coisas e pessoas." (2001:31) E diz: "trabalha-se na direção do mono pensamento."
Este processo aumenta a vulnerabilidade social oferecendo condições favoráveis à atuação manipuladora dos meios de comunicação, da politica e de todo poder que vem camuflado neles. A violência da velocidade tecnológica captura a sociedade, infiltra-se e instala-se na vida cotidiana, domesticando os sentidos, o comportamento e a socialização. Segundo Paul Virilio (1996): "A violência da velocidade tornou-se, simultaneamente, o lugar e a lei, o destino e a destinação do mundo".

Seduzida e movida, praticamente convocada, a comunidade, sem questionar, transforma-se em uma massa unificada, tanto pelos meios quanto pela conduta e pelos valores da nova lógica civilizatória.

O século XXI trouxe muitos temas e muitos desafios ao mesmo tempo. O instinto de propriedade insaciável do capitalismo e a velocidade tecnológica fez da cultura contemporânea um centro de produção de diversidades, onde a quantidade de informações diárias exige da sociedade um ritmo tão acelerado, que esta não encontra tempo para refletir sobre questões do seu tempo. O progresso tornou-se mais rápido do que a capacidade da população, de forma geral, em adaptar-se. A lógica da produção acelerada adentrou a vida das pessoas, foi difundida pelos meios de comunicação, de forma invisível, participando do cotidiano da população, mas também em seu tempo livre, em seu horário de lazer. Neste movimento acelerado, não se separa mais o tempo de lazer, de produção de trabalho e de consumo. O mundo midiático reconfigurou o ser humano, o espaço e o tempo. E *a velocidade em que*

atuamos através dos meios virtuais de comunicação, hoje, sem nos deslocarmos fisicamente, é a velocidade da luz, ou seja, 300.000 km/h e esta é a velocidade que está sendo exigida principalmente nos grandes centros.

A tensão entre a nova dinâmica e questões como livre-arbítrio, liberdade e autonomia nos obriga a transformar e rever nosso modo de vida. Neste contexto, uma revisão constante de conceitos, aos poucos, vai sendo traduzido e esculpindo o ser humano do século XXI em seu novo formato. Integrado aos dispositivos inteligentes, ampliado em seu corpo, em seu espaço de atuação e seu tempo, pelas interfaces da tecnologia, o ser humano (em sua natureza) busca crescer em suas condições físicas e intelectuais, interferindo e modificando todas as áreas da sociedade. Avança em largos passos para ampliar seu conhecimento. Com muita dedicação, imaginação e entusiasmo, o ser humano se envolve e se amolda ao novo formato de existência.

"O desafio que se coloca para o século XXI é reequilibrar a relação entre tecnologia e sociedade. Vivemos numa era de superdesenvolvimento tecnológico e de superdesenvolvimento social e institucional. Se não mudarmos como pessoas e como sociedade, nosso extraordinário potencial tecnológico (fonte possível de criatividade sem precedentes) poderá se converter em fonte de autodestruição" (CASTELLS, 1999).

Cabe entender segundo o filosofo político italiano Giorgio Agamben o conceito de dispositivo de controle e seu viés político. O dispositivo é "qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes" (2009:40) e completa: "hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo." (2009:42)

Dentro deste processo cabe entender o forte papel dos meios visíveis e invisíveis de comunicação em massa, na construção de um pensamento coletivo e em seu poder de pulverizar informações para milhões de pessoas simultaneamente no mundo.

São poderosos dispositivos e, com todo seu poder de alcance, poderiam ser utilizados para convocar a participação da sociedade em torno de mudanças ou melhorias de interesse comum. No entanto, para provocar mudanças e estimular a consciência crítica é preciso desenvolver qualidade intelectual, vontade política e consciência social no que é transmitido e levado para a população, é preciso valorizar a produção e pulverização de programas que valorizem as diferenças, as individualidades, que

criem possibilidades de incluir a população dos excluídos na educação, no trabalho e no desenvolvimento de um pensamento crítico em vez de estímulo ao consumo cego e desenfreado. A sociedade cresceu e se abriu para descobertas tecnológicas nos campos visuais, sonoros, perceptivos, científicos, comunicacionais abrindo as portas para uma forma híbrida de criação e de pensamento. A tecnologia se estendeu para as experimentações passando a explorar formas atípicas, novas percepções, revelando outros horizontes passando a ser também uma forma de pensar.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad.: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CASANOVA, Pablo Gonzalez. *As novas ciências e as humanidades*: da academia à política, 2004. Publicado no Brasil, em 2006, pela Boitempo Editorial.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade.* A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Trad.: Klauss Brandini Gerhardt.

LIPOVETZKY, Gilles. *O ecrã global*. Lisboa: Edições 70, 2010. (Colecção Arte & Comunicação)

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo, Cortez, 2010.

SLOTERDIJK, Peter. *No mesmo barco*: ensaio sobre a hiperpolítica. Trad.: CláudiaCavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. *O desprezo das massas*: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. Trad.: Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

TRIVINHO, Eugênio. *A dromocracia cibercultural*: lógica da vida humana

na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.